

**Epidemias, Demografia e Organização Social: Expansão da Fronteira e os Xavante do Brasil Central**

**Documento de Trabalho no. 6**

Universidade Federal de Rondônia  
Centro de Estudos em Saúde do Índio de Rondônia

Escola Nacional de Saúde Pública  
Departamento de Endemias S. Pessoa

**Epidemias, Demografia e Organização Social:  
Expansão da Fronteira e os Xavante do Brasil Central**

Documento de Trabalho no. 6

Ricardo Ventura Santos  
Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz & Departamento de  
Antropologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Nancy M. Flowers  
Departamento de Antropologia, Hunter College, City University of New York, EUA

Carlos E.A. Coimbra Jr.  
Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro

Porto Velho, outubro de 2002

As atividades de pesquisa, ensino e extensão do Centro de Estudos em Saúde do Índio de Rondônia (CESIR) são financiadas pela **Fundação Ford**.

Endereço para contato:

Profª. Ana Lucia Escobar

Centro de Estudos em Saúde do Índio de Rondônia (CESIR)

Universidade Federal de Rondônia - Centro

Av. Presidente Dutra 2965, sala PS2

78900-500 - Porto Velho – RO

fax: (69) 216-8516

endereço eletrônico: [ana@unir.br](mailto:ana@unir.br) ou [cesir@unir.br](mailto:cesir@unir.br)

## **Epidemias, Demografia e Organização Social: Expansão da Fronteira e os Xavánte do Brasil Central<sup>1</sup>**

### **Introdução**

Os povos indígenas das Américas, do Ártico ao extremo sul da América do Sul, apresentam grande diversidade social e cultural. Contudo, compartilham uma devastadora experiência histórica: a ocorrência de severas crises demográficas, que resultaram em acentuadas reduções populacionais e extinção de inúmeras sociedades a partir da chegada dos colonizadores. Embora antropólogos e demógrafos estejam longe de um consenso acerca da intensidade da depopulação ocorrida desde o século XV (Cook, 1998; Crosby, 1972; Denevan, 1992; Dobyns, 1983; Hemming, 1987; Ribeiro, 1956), não há dúvidas de que as principais causas da elevada mortalidade foram epidemias de doenças infecciosas e parasitárias.

Em algumas regiões, a expansão demográfica e econômica de frentes colonizadoras é um processo em franco andamento. Na Amazônia brasileira, por exemplo, as últimas décadas presenciaram grandes esforços, freqüentemente iniciados e supervisionados por agências governamentais, no sentido da ocupação e colonização de áreas de fronteira. Nesse processo, muitos povos indígenas experimentaram o início do contato permanente com a sociedade nacional envolvente. O resultado usual, como no passado, tem sido a ocorrência de epidemias, seguidas de depopulação e enorme impacto social.

Apesar de sua recorrência e da potencial ameaça à sobrevivência biológica e cultural, essas crises demográficas têm sido pouco investigadas. A parca literatura acerca do modo como a estrutura social das sociedades indígenas pode ter sido afetada pelas epidemias e pela conseqüente depopulação (e vice-versa) é particularmente surpreendente, dada a longa tradição de pesquisas em etnologia indígena no Brasil (ver Laraia, 1963; Wagley, 1951).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na sessão temática “Organização Social e Comportamento Demográfico dos Povos Indígenas do Brasil”, realizada durante o XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), Ouro Preto, Minas Gerais, 02 a 04 de novembro de 2002. Uma versão mais extensa deste trabalho encontra-se como capítulo no livro “The Xavánte in Transition: Health, Ecology and Bioanthropology in Central Brazil” (Coimbra et al., 2002).

Nosso estudo de caso sobre os Xavánte tem dois objetivos. Primeiro, através da análise de dados de fecundidade e de mortalidade, documenta-se a crise demográfica que atingiu o grupo no período pós-contato, a partir da década de 1940. Segundo, demonstra-se como certos aspectos da organização social Xavánte foram cruciais, afetando não apenas o modo como a crise evoluiu, como também a recuperação demográfica que se seguiu.

### **Os Xavánte**

Os Xavánte, que atualmente totalizam cerca de 9000 indivíduos, vivem em seis Terras Indígenas (TI) no leste do estado de Mato Grosso. Nossa pesquisa foi realizada na TI Pimentel Barbosa, onde está localizada a comunidade de Etêñitépa.

No início do século XVIII, quando ocorreram os primeiros contatos com não-índios, os Xavánte localizavam-se no que atualmente é o estado de Goiás, a leste da região que ocupam no presente. Cartas dos governadores coloniais a Lisboa descreviam “problemas com os índios”, demonstrando que os Xavánte e outros grupos resistiam à invasão de suas terras, atacando minas e investindo contra o gado e as plantações dos colonos. O governo da colônia conseguiu “pacificar” e fixar uma série de grupos, incluindo os Xavánte, em grandes assentamentos de missões. As doenças e a fome reduziram drasticamente seus números. Ao final do século XVIII, a maior parte das missões encontravam-se abandonadas. No século e meio seguinte, os Xavánte continuaram a resistir à expansão da colonização, movendo na direção oeste. A autonomia Xavánte foi irreversivelmente quebrada na década de 1940, quando o governo empreendeu esforços para “desenvolver” as regiões centrais do Brasil.

Em 1946, um subgrupo Xavánte liderado por um chefe chamado Apowe tornou-se o primeiro a estabelecer contato permanente com os agentes do SPI (Serviço de Proteção aos Índios). Membros deste subgrupo e seus descendentes vivem atualmente na TI Pimentel Barbosa. No início dos anos 90, encontravam-se assentados em uma aldeia principal, denominada Etêñitépa, e em duas menores (Caçula e Tanguro).

Durante os dez primeiros anos após o contato permanente (1946-1956), os Xavánte de Etêñitépa permaneceram relativamente isolados e independentes. Continuavam a praticar uma estratégia de subsistência baseada na caça e na coleta, com

a agricultura ocupando um plano secundário. Durante os quinze anos seguintes, de 1957 a 1971, sofreram os devastadores efeitos do contato, com muitas epidemias e mudanças nas estratégias de subsistência. Aumentou então sua dependência da agricultura. Os anos 70 e 80 foram períodos de recuperação demográfica. Foi também um tempo de intensos esforços para garantir seus direitos às terras. No final dos anos 70 e início dos anos 80, os Xavánte participaram de um projeto governamental de rizicultura mecanizada voltado para o mercado regional. O projeto fracassou e a produção intensiva do arroz foi logo abandonada. Os limites da reserva foram finalmente demarcados e garantidos nos anos 80. Como um todo, os dados indicam um período de crise pós-contato durante os anos 60, seguidos por uma recuperação demográfica. A longo prazo, tem-se observado uma tendência em direção à intensificação das relações com o mercado regional. Para maiores informações acerca da história Xavánte, ver particularmente Coimbra et al. (2002), Garfield (2001), Graham (1995), Lopes da Silva (1992) e Santos et al. (1997).

### **Fontes e coleta de dados**

Os dados demográficos analisados neste trabalho derivam de diversos recenseamentos e de histórias reprodutivas de mulheres Xavánte, registrados por Flowers ao longo de 14 meses de pesquisa em Etéñitépa, entre 1976/1977. Nos anos 90, quando nossa equipe realizou trabalho de campo em Etéñitépa em diversas ocasiões, dados demográficos foram novamente coletados.

Informações disponibilizadas por pesquisadores que trabalharam entre os Xavánte em anos anteriores foram muito úteis para as análises. As genealogias registradas por Maybury-Lewis (1967:317-342), e publicados em sua monografia *Akwe-Shavante Society*, forneceram os nomes dos adultos e as relações entre aqueles que viviam na comunidade à época de sua pesquisa, entre 1958 e 1962. O geneticista James V. Neel gentilmente forneceu-nos cópias de suas anotações de campo, contendo os nomes e as idades estimadas dos indivíduos examinados durante seu trabalho de campo em 1962 (Neel et al., 1964).

Todos aqueles que coletaram dados demográficos em sociedades sem escrita sabem que um dos objetivos mais difíceis de se alcançar, embora essencial, é

estabelecer, com a maior precisão possível, as idades dos indivíduos (ver Black et al., 1978; Chagnon, 1983; Early & Peters, 1990; Early & Headland, 1998; Hill & Hurtado, 1996; Howell, 1979, entre outros). Em 1977, um dos instrumentos utilizados por Flowers para estimar as idades foi um calendário de eventos, que se mostrou especialmente útil para se perguntar aos pais quanto às datas de nascimento de seus filhos. Exemplos destes eventos são quando os Xavánte tiveram seu primeiro contato pacífico com funcionários do governo (em 1946); quando o antropólogo Maybury-Lewis e sua família viveram entre eles (em 1958); quando o grupo mudou-se para a sua atual localização (Etéñitépa) (em 1972), e assim por diante. Quando a data de nascimento aproximada podia ser determinada para uma criança, as idades relativas de seus irmãos e irmãs podiam ser estimadas.

A sociedade Xavánte apresenta algumas características que facilitaram nossas investigações demográficas. Diferentemente de outros grupos das terras baixas sul-americanas, como os Suruí (Coimbra, 1989), os Xavánte não possuem prescrições contra falar a respeito dos mortos. Se isto houvesse ocorrido, recuperar dados demográficos através de entrevistas teria sido ainda mais difícil. A estimativa das idades foi ainda facilitada pela existência de um sistema de classes de idade (ver abaixo). Os próprios Xavánte usam este sistema, afirmando, por exemplo, que este ou aquele evento ocorreram quando meninos filiados a uma classe de idade determinada ocupavam a casa destinada aos rapazes solteiros.

### **O ciclo de vida Xavánte**

A organização social dos Xavánte é marcadamente complexa. A relação entre os sistemas de categorias de idade e de classes de idade é exemplar neste sentido. Enquanto as categorias de idade referem-se aos estágios de vida para homens e mulheres (crianças pequenas, adolescentes, jovens adultos e adultos maduros), o sistema de classes de idade é composto por oito classes nomeadas que se alternam em um ciclo de 40-50 anos.

Os meninos entre oito e treze anos de idade tornam-se *wapté*. Deixam então suas casas e passam a viver em grupo no *hö*, ou “casa dos solteiros”, especialmente construída para este fim em uma das extremidades da aldeia. O menino passa a integrar

uma classe de idade quando vai residir no *hö*, onde permanecerá por aproximadamente cinco anos, quando então sua classe será iniciada e poderá casar-se. Os meninos que vivem no *hö* não são isolados da vida da aldeia. Podem visitar suas casas e trabalhar com seus pais nas roças familiares. O sistema de classes de idade também aplica-se às mulheres. Há, contudo, importantes diferenças. As jovens da mesma classe de idade dos *wapté* não são separadas de suas famílias.

Os sistemas de clãs e de linhagens são duas outras dimensões fundamentais da organização social Xavánte. Os Xavánte possuem um sistema de clãs patrilineares (i.e., a criança pertencerá ao clã de seu pai). Três clãs são reconhecidos pelos Xavánte: *Poridza'õno*, *Öwawe* e *Topdató*.

Embora o clã seja a unidade fundamental da organização social Xavánte, tendendo a permanecer estável ao longo do tempo, o sistema político opera principalmente através das linhagens. Cada um dos clãs é constituído de várias linhagens: *Poridza'õno* (*Wamãri* e *Tebe*); *Öwawe* (*Uhö* e *Dzutsi*) e *Topdató* (*Aiuté'mañãri* e *Wahi*). As relações entre as linhagens tendem a ser conflitantes, uma vez que “... estão em eterna disputa por poder e prestígio...” (Maybury-Lewis, 1967:190).

Os Xavánte consideram incestuoso o casamento entre membros dos clãs *Öwawe* e *Topdató*. Os casamentos aceitos são aqueles entre os membros do clã *Poridza'õno* e os dois outros. Assim, pode-se afirmar que os Xavánte possuem “*um sistema de metades exogâmicas, com dois clãs em uma metade e um na outra*” (Maybury-Lewis 1967:75). Flowers observou, em 1976/1977, que estas regras encontravam-se operantes em Etéñitépa.

Os Xavánte praticam a poliginia. Entre eles a poliginia é largamente sororal, isto é, se um homem jovem busca uma esposa em um domicílio onde há irmãs, ele pode casar-se inicialmente com a mais velha, e a seguir com a irmã ou irmãs mais jovens, à medida que elas atingem a idade apropriada. Alguns homens, após anos de casamento ou após a morte da primeira esposa, podem casar-se com uma mulher muito mais jovem. A poliginia leva a uma situação de constante escassez de mulheres para os homens jovens. Os homens Xavánte não podem casar-se até que sua classe de idade seja iniciada, quando a maior parte deles encontra-se entre os 15 e 18 anos. É ao final da

iniciação que cada rapaz irá desposar uma jovem, filiada ao clã apropriado. No entanto, pode se passar um longo tempo antes da consumação do casamento, já que os rapazes freqüentemente desposam meninas muito jovens e vários anos são necessários para que elas cheguem à puberdade.

### **Demografia e mudanças**

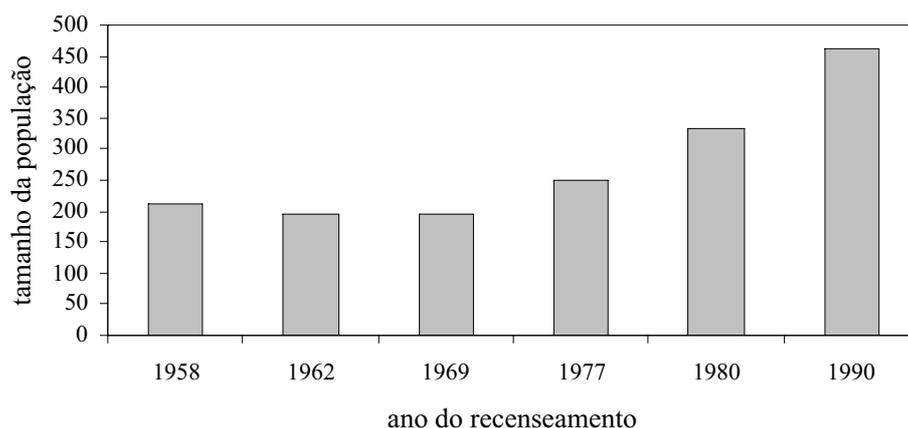
Nossa análise da demografia dos Xavánte de Etéñitépa será baseada em três períodos, isto é, até 1956, de 1957 a 1971 e de 1972 a 1990. Escolhemos 1957 como ponto de corte porque a partir deste momento houve importantes mudanças nos padrões de interação entre os Xavánte e não-índios. Maybury-Lewis (1967:27-29) demonstra que a segunda metade da década de 50 constituiu um momento decisivo para o grupo. Maybury-Lewis referiu-se a eles, nesse período, como “*o mais poderoso, o mais numeroso e o menos aculturado*” subgrupo Xavánte (1967:27). Quando o antropólogo retornou em 1962, observou que grandes mudanças haviam tido lugar, como a diminuição da população devido às epidemias e às disputas políticas. Assim, as evidências etnográficas sugerem que o período que vai de 1957 a 1971 foi particularmente estressante para os Xavánte. O ano de 1972 foi escolhido como outro ponto de corte porque foi então que o grupo transferiu a aldeia para sua atual localização (Etéñitépa). As epidemias, que atingiram os Xavánte na década anterior, haviam então diminuído. Durante os anos 70 e 80 houve grandes mudanças nas estratégias de subsistência, o que inclui um estilo de vida mais sedentário e mesmo o cultivo de produtos para o mercado regional. O contato permanente com o mundo exterior tornou-se uma rotina.

### Tamanho populacional

A comparação de dados sobre tamanho da população em Pimentel Barbosa coletados em 1990 com outros obtidos em décadas anteriores mostra tendências bastante claras. A Figura 1 indica os tamanhos populacionais em cinco momentos entre 1958 e 1990. Nas décadas de 1950 e 60, o tamanho da população manteve-se estável, observando-se um ligeiro decréscimo populacional. A partir de 1969, nota-se um franco crescimento: a população aumentou de aproximadamente 200 para quase 450 pessoas

em 1990. Houve também alteração na composição etária. Em 1962, Neel et al. (1964, 92) observaram que 39% da população era composta de menores de 15 anos. Em 1990, a percentagem havia crescido para 54%.

Figura 1. Tamanho da população dos Xavánte de Pimentel Barbosa em diferentes períodos (fonte: Coimbra et al. 2002)



### Tendências da mortalidade em crianças

Durante as entrevistas com as mulheres Xavánte em 1976/1977 e 1990, perguntou-se não somente quantos filhos elas haviam tido, mas também quais crianças haviam falecido e quando isso ocorrera. A partir desses dados, caracterizou-se a experiência de mortalidade e sobrevivência das crianças menores de dez anos para os três períodos. Os dados apresentados combinam meninos e meninas. Quando foram conduzidas análises para cada um dos sexo nos três períodos, não se observou um padrão consistente de maior mortalidade segundo sexo.

Os resultados demonstram claramente que a sobrevivência até os dez anos era muito menor de 1957 a 1971 (43%) que nos demais períodos. De 1927 a 1956, aproximadamente 73% dos nascidos chegavam aos dez anos de idade, e de 1972 a 1990 cerca de 83% (Tabela 1).

Tabela 1. Mortalidade e sobrevivência de crianças Xavante 0-10 anos, sexos combinados, em diferentes períodos.

Idade (anos)	1927-1956				1957-1971				1972-1990			
	no. de crianças	no. de óbitos	probab. óbito ( $nq_x$ )	sobrevi- ventes ( $l_x$ )	no. de crianças	no. de óbitos	probab. óbito ( $nq_x$ )	sobrevi- ventes ( $l_x$ )	no. de crianças	no. de óbitos	probab. óbito ( $nq_x$ )	sobrevi- ventes ( $l_x$ )
0	56	05	0,089	1000	128	26	0,203	1000	294	30	0,102	1000
1	47	03	0,043	911	94	08	0,085	797	245	10	0,041	898
2	40	02	0,075	872	71	07	0,099	729	219	00	0,000	861
3	36	01	0,028	807	57	04	0,070	657	199	01	0,005	861
4	32	01	0,031	784	46	04	0,087	611	188	01	0,005	857
5	30	01	0,033	760	37	04	0,108	558	170	01	0,006	852
6	27	00	0,000	734	30	02	0,067	498	158	01	0,006	847
7	26	00	0,000	734	23	00	0,000	464	134	01	0,007	842
8	22	00	0,000	734	19	00	0,000	464	125	01	0,008	836
9	21	00	0,000	734	14	01	0,071	464	106	00	0,000	829
10				734				431				829

As crianças menores de um ano foram as que apresentaram a maior taxa de mortalidade nos três períodos. Quando as taxas de sobrevivência foram as mais baixas (de 1957 a 1971), mais de 20% das crianças não chegavam a completar um ano de idade (Tabela 1). Nos demais períodos, as taxas observadas foram também maiores entre os menores de um ano.

As epidemias de doenças infecciosas constituíram provavelmente a principal causa do aumento das taxas de mortalidade entre 1957 e 1971. Infelizmente, são escassas as informações acerca da etiologia das mortes que ocorreram neste período. Além dos relatos de Neel et al. (1964) e de Maybury-Lewis (1967), que se referem ao período anterior a 1963, não foi possível obter informações adicionais sobre a situação da comunidade durante os anos 60.

As epidemias de doenças infecciosas freqüentemente precedem ou seguem-se imediatamente ao estabelecimento de contato permanente (Early & Peters, 1990; Ribeiro, 1956; Santos & Coimbra Jr., 1998, entre outros). Os Xavante de Etéñitépa foram o primeiro subgrupo a estabelecer contato pacífico com agentes governamentais, em 1946. Maybury-Lewis (1967:275-276) menciona que, já em 1957, quando caçadores Xavante seguiram em direção ao rio Araguaia, contraíram gripe em um acampamento de índios Karajá, que mantinham contato freqüente com não índios. Isto está de acordo com nossos dados demográficos, que sugerem que os Xavante começaram a experimentar uma elevada mortalidade a partir da segunda década de contato (de 1956 a 1971), e não nos anos que se seguiram imediatamente ao contato. Uma possível razão pela qual a mortalidade veio a aumentar apenas algum tempo após o contato pode ser o fato de que somente em 1953 os Xavante estabeleceram-se em uma aldeia próxima ao Posto Indígena, construído em um local denominado São Domingos (Graham, 1995:34; Maybury-Lewis, 1967:27). Até então, embora os Xavante fossem freqüentemente até o Posto, ainda eram relativamente independentes. A partir do final da década, ficaram muito mais freqüentes os contatos com estrangeiros, o que pode haver facilitado a introdução de doenças contagiosas. Sob estas condições, é provável que tenha havido colapsos na produção de alimentos, afetando particularmente as crianças.

No período mais recente (de 1972 a 1990), os níveis de mortalidade entre crianças foram muito mais baixos que aqueles observados entre 1957 e 1971 (Tabela 1). O local em

que se encontra atualmente sua aldeia, para onde se deslocaram em 1972, é o mesmo que haviam ocupado nos anos 40 e no início da década seguinte. Os Xavánte afirmam que retornaram para Etêñitépa porque o consideram um lugar “saudável” e onde a terra é boa para a agricultura, o que implica que pode haver melhorado o estado nutricional do grupo. Nos aos 70 e 80, embora não regularmente, os Xavánte também recebiam as vacinas fornecidas pelo Ministério da Saúde (BCG, anti-pólio, anti-sarampo e tríplice), o que pode haver exercido algum efeito sobre a mortalidade.

#### Tendências da fecundidade:

A Tabela 2 apresenta as taxas específicas de fecundidade (TEF) e as taxas de fecundidade totais (TFT) para as mulheres Xavánte, segundo os três períodos.

Tabela 2. Taxas específicas de fecundidade e taxas totais de fecundidade (TFT) para mulheres Xavánte, entre 10-44 anos, em diferentes períodos.

Idade (anos)	1942-1956	1957-1971	1972-1990
10-14	0,056	0,068	0,050
15-19	0,339	0,359	0,356
20-24	0,263	0,240	0,412
25-29	0,300	0,232	0,323
30-34	0,438	0,143	0,246
35-39	0,100	0,135	0,183
40-44	0,125	0,000	0,000
TFT	8,01	5,88	7,86

Para 1972-1990, quando é maior a amostra, observa-se que a fecundidade eleva-se cedo, aos 10-14 anos, atingindo o maior valor aos 20-24 anos, com declínio posterior. Embora as mulheres Xavánte comecem a ter filhos bastante cedo (frequentemente em torno dos 13-14 anos), a TEF da faixa etária de 10-14 anos é muito baixa. As gestações

também parecem cessar relativamente cedo, já que a fecundidade das mulheres com idades entre 40-44 anos é próxima de zero.

Os resultados demonstram que a fecundidade Xavánte alcançou seu nível mais baixo entre 1957 e 1971 (TFT=5,88). O final dos anos 50 e a década seguinte, portanto, foram não apenas um período de elevada mortalidade, mas também de queda da fecundidade. Foi um período marcado pela ruptura social, o que provavelmente resultou em um aumento da instabilidade dos casamentos e também em viuvez precoce para algumas mulheres. A partir das histórias reprodutivas observamos que onze mulheres, embora com idades próximas a vinte anos, separaram-se de seus esposos ou tornaram-se viúvas na década de 60, havendo um período sem nascimentos até que se casassem novamente. Embora os Xavánte sejam poligínicos, algumas mulheres podem permanecer sozinhas após a viuvez ou a separação. Ainda que nesta situação possam ter mais um ou dois filhos, é de se esperar que sua fecundidade seja mais baixa que a de mulheres que se encontram em uniões estáveis durante seu período reprodutivo. Em 1976-1977, quando Flowers permaneceu em Etéñitépa, todas as mulheres na faixa dos vinte anos estavam casadas.

A fecundidade das mulheres Xavánte entre 1957 e 1972 foi cerca de 25% mais baixa, quando comparada aos dois outros períodos. Algumas mulheres afirmaram que, vendo tantas de suas crianças morrerem, incluindo algumas que já não eram mais tão pequenas, “*perderam a vontade de ter filhos*”. Entre os Bororo, outro grupo do Brasil Central, uma mortalidade infantil muito elevada e a redução dos nascimentos resultaram em um declínio acentuado da população; as mulheres freqüentemente declaravam seu desejo de não ter mais filhos, justificando-se com a frase “*Eu não quero ver a criança morrer*” (Crocker, 1985:47).

As mulheres Xavánte, contudo, apesar da gravidade da crise que o grupo enfrentava, ainda davam à luz em média a seis crianças. Uma razão para isto pode ter sido uma crescente interação mortalidade-fecundidade durante o período. Em uma revisão sobre a fecundidade nas chamadas “populações antropológicas”, Wood (1990:233-234) afirma que uma das questões mais significativas a serem ainda abordadas na literatura diz respeito às interações entre fecundidade e mortalidade. Segundo esse autor, há crescentes evidências de que um importante fator de regulação dos níveis de fecundidade em sociedades pré-industriais não é a reprodução em si, mas a mortalidade. O que nos interessa de argumento

de Wood é a interação entre a mortalidade infantil e a fecundidade, a que ele se refere como “*compensação reprodutiva*”. Afirma: “*quando um bebê morre, a lactação é interrompida e a mãe volta a ovular mais cedo do que ocorreria normalmente*” (Wood 1990:233). Assim, paradoxalmente, em uma situação de elevada mortalidade infantil, a TFT de um determinado grupo de mulheres pode aumentar significativamente, em função de uma redução dos intervalos interpartais. Esta, por sua vez, está associada à interrupção antecipada da lactação e ao conseqüente retorno da ovulação.

Nossos dados não possibilitam afirmações conclusivas com relação à influência da mortalidade infantil na fecundidade Xavánte. Contudo, o período entre 1957 e 1971 foi certamente uma época quando este tipo de interação pode haver ocorrido com maior freqüência. As probabilidades de óbito nos dois primeiros anos de vida de 1957 a 1971 foram pelo menos duas vezes maior que nos dois outros períodos (Tabela 1). Isto é, proporcionalmente, as mães Xavánte estavam então perdendo mais crianças que ainda eram amamentadas. Parece razoável argumentar que, com a morte de um crescente número de bebês, e com a diminuição do período em que permaneciam amamentando, as mulheres Xavánte apresentavam, naquela época, uma probabilidade maior de engravidar. Durante aqueles anos, as mulheres Xavánte podem ter tido mais filhos, pois com a morte precoce de seus bebês ocorria uma redução dos períodos de infertilidade devido à lactação.

Entre 1974 e 1976, o responsável pelo posto indígena que vivia em Etéñitépa registrou as datas dos nascimentos e das mortes. Flowers fez o mesmo durante sua estada na aldeia em 1976-1977. Esses dados, ainda que de fontes diversas, mostram uma associação entre a ocorrência de óbitos infantis e a duração dos intervalos entre os nascimentos. Durante estes 33 meses de cuidadosos registros, 42 das 65 mulheres com idades entre 15 e 44 anos deram à luz pelo menos uma vez (contando-se apenas os nascidos vivos). Durante este período, catorze mulheres tiveram dois filhos, e apenas uma mulher três. O intervalo interpartal médio foi igual a 20,9 meses entre as mulheres cujos bebês viveram pelo menos até a idade de um ano, e de 16,6 meses entre as aquelas cujos bebês haviam morrido antes disso.

Portanto, o declínio da fecundidade nas mulheres não revela na mesma magnitude, se comparada à mortalidade, a dimensão da crise enfrentada pelos Xavánte de Etéñitépa no período pós-contato, talvez em função dos efeitos da compensação reprodutiva.

### **Epidemias, demografia e ordem social**

Nem todas as mortes ocorridas durante as epidemias pós-contato estão diretamente ligadas a doenças. Quando uma enfermidade estranha e debilitante atinge uma comunidade, a população pode ficar assustada e desorientada, e os laços que normalmente unem indivíduos aparentados podem entrar em colapso. As mulheres que adoecem podem não conseguir alimentar e cuidar de seus filhos (Neel, 1982). O estado nutricional do grupo pode sofrer um impacto adicional, caso a doença impeça os homens de sair para caçar ou as mulheres para a coleta de alimentos silvestres e ida às roças (McGrath, 1991).

Uma importante causa indireta de morte entre adultos pode ser a punição de “bodes expiatórios”, à medida que o aumento da mortalidade ocasiona acusações de feitiçaria e mortes por vingança (Early & Peters, 1990:80; Ferguson, 1990; Ross, 1984). Em algumas sociedades amazônicas, causas naturais nunca são aceitas como motivos para as mortes (Crocker, 1985:36-37; Seeger, 1981:219-220; Wagley, 1977:171-172). Outras distinguem de diversas maneiras as mortes ocorridas devido a causas naturais daquelas cuja origem encontra-se no mundo espiritual ou em feitiços enviados por indivíduos “maléficos” (ver Buchillet, 1992:216; Crocker & Crocker, 1994:170; Langdon, 1992b:50).

A partir de suas observações etnográficas sobre os Xavánte nos anos 50 e 60, Maybury-Lewis registrou: *“Eles possuem alguma compreensão do contágio e estão conscientes, por exemplo, de que quando entram em contato com um brasileiro que tem tosse, estão sujeitos a contrai-la. E, caso adoçam, não acreditarão que foram enfeitiçados, a menos que tenham uma boa razão para isso”* (1967:274). Mas o intenso faccionalismo que sempre ameaça a sociedade Xavánte foi exacerbado pelo número não-usual de mortes, freqüentemente de homens proeminentes, como veremos.

Quase todas as sociedades amazônicas possuem especialistas espirituais, indivíduos que afirmam poder comunicar-se com os espíritos e influenciar o destino humano curando doenças ou, ao contrário, fazendo o mal (Langdon, 1992a:3-5). Estes especialistas, quase sempre referidos na literatura como xamãs, normalmente não são líderes de facções ou do grupo; em lugar disso, seu poder vem do modo como podem usar seu conhecimento espiritual para o bem ou para o mal. Um mesmo indivíduo que cura como um xamã pode ser suspeito de feitiçaria quando aumenta o número de mortes inexplicadas, podendo

eventualmente ser executado pela comunidade (Crocker & Crocker, 1994:112-113; Seeger, 1981:86-88, 174; Wagley, 1977:186-189). A concentração das suspeitas sobre um indivíduo que acreditam possuir poderes xamânicos e sua eventual eliminação da sociedade podem, assim, limitar a agitação social que caracteriza estes momentos.

Os Xavánte não vêem a feitiçaria como um atributo de certos indivíduos que possuem tal poder. *“Eles acreditam que um Xavánte só pode infligir doença ou morte a outro através do poder de certos rituais que envolvem a manipulação de substâncias ou implementos mágicos. Estas substâncias são pós, que podem ser usados tanto ofensiva como defensivamente”* (Maybury-Lewis, 1967:276). Somente os homens são suspeitos de praticá-la. Quando um homem proeminente adoece ou morre, as suspeitas recaem sobre aqueles que provavelmente teriam mais a ganhar com sua morte. Um evento deste tipo pode desencadear uma disputa, na qual os homens da facção mais fraca são mortos ou expulsos da aldeia. Como Maybury-Lewis (1967:188-189) assinala, um caso de feitiçaria é uma questão política, já que *“todos as questões Xavánte constituem essencialmente questões entre grupos, e não disputas entre indivíduos”*. Em lugar de se concentrar sobre um único indivíduo, a culpa recai sobre toda a facção ou linhagem.

Para Maybury-Lewis, nos anos que se seguiram ao contato, ao final da década de 40, o líder Apowe e sua família mantiveram sua influência, através da distribuição de presentes dados pelos agentes do SPI e também pelo antropólogo (Maybury-Lewis, 1967:28, 171). A introdução de bens manufaturados afetou a comunidade, acirrando a disputa entre as linhagens, a ponto de membros da linhagem *Wamãri* mobilizarem-se para eliminar outras facções, asseguraram o controle sobre a distribuição de bens de consumo.

Uma epidemia de gripe que teve lugar em meados de 1960 (Maybury-Lewis, 1967:176) aparentemente desencadeou uma série de acusações de feitiçaria que, juntamente com a própria doença, reduziu ainda mais a população. Os detalhes do que realmente aconteceu são difíceis de esclarecer:

*“Alguns membros da linhagem Wamãri morreram em uma epidemia de gripe. A facção responsabilizou o clã Topdató e assassinou alguns de seus integrantes... Eu nunca pude determinar quantos Topdató foram mortos, já que os inimigos dos Wamãri veementemente atribuíam todas as mortes ocorridas desde a minha última visita à ferocidade da facção dominante. Os Wamãri asseguraram-me, por outro*

*lado, que nenhum Topdató fora morto por eles. Insistiam que os membros deste clã haviam sofrido ainda mais intensamente os efeitos da epidemia do que os Wamãri. Parece certo, entretanto, que alguns Topdató foram de fato assassinados, embora alguns possam haver morrido de gripe” (Maybury-Lewis, 1967:176).*

No início dos anos 60 já começava a ficar evidente que as disputas em São Domingos (o local onde os Xavánte viveram até 1962, antes de se mudarem para Etéñitépa) estavam produzindo efeitos visíveis sobre a composição social do grupo:

*“À época de minha segunda visita [em 1962] ... Os Wamãri ainda estavam firmemente estabelecidos como a linhagem dominante, pois havia poucos que pudessem se opor a eles. As únicas linhagens ainda representadas na aldeia eram, respectivamente, os Uhö e os Dzutsi, ambas consideravelmente incompletas... São Domingos era uma das mais homogêneas aldeias que eu havia visitado, em termos de facções” (1967:177).*

### **Crise demográfica e organização social**

Na parte final deste texto exploramos algumas relações entre disputas políticas, violência e mortes devido às epidemias, e investigamos seus impactos sobre aspectos específicos da demografia e da dinâmica social Xavánte. A longo prazo, a quase completa eliminação de certos clãs e linhagens levou a desequilíbrios sociais que vieram a afetar os arranjos de casamentos.

Em 1976/1977 Flowers coletou dados genealógicos detalhados, incluindo informações sobre a filiação a clãs e linhagens. A comparação dos dados da década de 70 com os censos e genealogias registrados por Maybury-Lewis em 1958 e 1962 fornece fortes evidências das relações entre crise demográfica e disputas políticas, e dos impactos a longo prazo que daí resultam sobre a organização social Xavánte.

Conduzimos uma análise comparativa quanto ao número de homens e mulheres adultos Xavánte dos três clãs e das várias linhagens registradas por Maybury-Lewis, no final dos anos 50 e início dos anos 60, com aqueles presentes em Etéñitépa em 1976-1977. Buscou-se investigar o que havia acontecido com aqueles que não se encontravam mais na aldeia (o número de indivíduos que havia falecido, mudado de aldeia, etc.). O achado mais marcante é que já não havia homens integrantes das linhagens *Poridza’õno Tebe, Topdató*

*Aiuté'mañãri* e *Topdató Wahi* em Etéñitépa nos anos 70. Isto é, o grupo estava ainda mais homogêneo, no que se refere às facções, do que nas décadas anteriores.

Com o objetivo de revelar este padrão de modo mais claro, na Tabela 3 agrupamos os dados em dois grupos: homens e mulheres da linhagem dominante (*Poridza'õno Wamãri*) e homens e mulheres das demais linhagens. De um total de 23 homens e 23 mulheres *Wamãri* registrados nas genealogias e censos de Maybury-Lewis, mais da metade dos homens (17 indivíduos, ou 74%) e das mulheres (12 indivíduos, ou 52%) ainda viviam em Etéñitépa em 1976/1977. Para as demais linhagens, a redução foi muito maior, particularmente no caso dos homens. Somente 28% dos homens e 42% das mulheres não-*Wamãri* registrados por Maybury-Lewis ainda viviam em Etéñitépa nos anos 70. Ainda mais marcante é o fato de que a maior causa de redução populacional entre os homens não-*Wamãri* foi a morte, responsável por 56% da diminuição do número de indivíduos. Apenas 18% dos homens *Wamãri* vieram a morrer entre os períodos de 1958-1962 e 1976/1977. Como é improvável que diferentes linhagens vivendo na mesma aldeia experimentem distintas taxas de mortalidade devido às epidemias, é mais provável que a redução nas linhagens não-dominantes deveu-se a disputas políticas.

Os *Wamãri* foram, inquestionavelmente, a força política dominante em Etéñitépa nos anos 70. Com base nos dados genealógicos e censitários, Flowers observou que, em 1977, dos 28 homens com idades acima de 30 anos, 19 eram *Wamãri*. Curiosamente, apesar desta linhagem haver alcançado um controle político quase total, seus membros foram forçados a enfrentar alguns problemas de ordem social, ocasionados pelo desequilíbrio entre os clãs. Segundo as regras matrimoniais Xavante, os *Wamãri*, filiados ao clã *Poridza'õno*, supostamente deveriam tomar como esposas mulheres pertencentes aos outros dois clãs. Entretanto, tantos homens *Öwawe* e *Topdató* morreram nos anos 60 que poucas filhas foram geradas com as quais os *Wamãri* pudessem desposar.

Tabela 3. Destino dos adultos Xavante presentes em São Domingos em 1958/1962 no ano de 1977, de acordo com sexo e linhagem.

Linhagens	Homens		Mulheres		Ambos os sexos	
	<i>Poridza'õ no Wamãri</i>	demais linhagens	<i>Poridza'õ no Wamãri</i>	demais linhagens	<i>Poridza'õ no Wamãri</i>	demais linhagens
Vivendo em São Domingos em 1958/1962	23 (100%)	25 (100%)	23 (100%)	43 (100%)	46 (100%)	68 (100%)
Faleceram entre 1958/1962 e 1977	04 (17%)	14 (56%)	07 (30%)	17 (40%)	11 (24%)	31 (46%)
Mudaram-se entre 1958/1962 e 1977	02 (9%)	02 (8%)	01 (4%)	02 (5%)	03 (7%)	04 (6%)
Destino desconhecido entre 1958/ 1962 e 1977	--	02 (8%)	03 (13%)	06 (14%)	03 (7%)	08 (12%)
Vivendo em Etéñitépa em 1977	17 (74%)	07 (28%)	12 (52%)	18 (42%)	29 (63%)	25 (37%)

(1) Informações sobre 1958/1962 derivadas de genealogias e recenseamentos conduzidos por Maybury-Lewis (1967:317-342).

Em 1976/1977 havia 11 jovens *Wamãri* do sexo masculino com idades entre 15 e 25 anos, e que já haviam sido iniciados. Tinham, portanto, o direito de casar-se, buscando suas esposas, segundo as regras Xavánte de exogamia entre os clãs, entre as mulheres *Öwawe* e *Topdató*. Flowers observou que apenas três destes jovens conseguiram encontrar esposas. Embora houvesse sete moças *Öwawe* com idades entre 10 e 20 anos, três delas casaram-se com homens mais velhos, e uma quarta foi destinada a um jovem que se encontrava fora da aldeia. Havia, portanto, apenas três moças disponíveis para o casamento, enquanto eram 11 os jovens *Wamãri*. Já a situação dos jovens *Öwawe* era muito diferente. Dos nove jovens deste clã entre os 15 e os 25 anos de idade, sete já estavam casados, três deles com mais de uma esposa. Havia uma tal “abundância” de jovens mulheres *Poridza’õno Wamãri* para os rapazes *Öwawe* desposarem, que quatro jovens homens pertencentes a este clã mudaram-se de outras aldeias para Etêñitépa e lá se casaram.

Nos anos 70 Flowers previu uma tendência de aumento do clã *Öwawe*, já que os homens que o integravam estavam tendo mais acesso às mulheres. Ela afirmou: “*Os jovens Öwawe casaram-se com mulheres no auge de sua fecundidade, e estavam claramente tendo mais filhos que os Wamãri de sua idade*” (Flowers 1983:179). A comparação dos dados dos censos de 1976/1977 e 1990 demonstra que, de fato, durante todo este período reduziu-se o tamanho relativo dos *Poridza’õno Wamãri* (de 55% para 48% da população). O aumento da presença de indivíduos não-*Wamãri* deve-se principalmente ao grande número de menores de 15 anos, nascidos de 1975 a 1990 e filhos de homens *Öwawe*. Dos anos 70 aos 90, a proporção de indivíduos não-*Wamãri* menores de quinze anos cresceu de 44% para 58%.

A análise acima demonstra que, devido a um mecanismo construído dentro da estrutura de parentesco, ou seja, na medida em que os Xavánte evitem os casamentos intra-clânicos, é impossível para uma linhagem crescer indefinidamente sem que tenha que lidar com algumas conseqüências adversas, originadas a partir de sua própria dominação política e de sua hegemonia demográfica.

### **Considerações finais**

Ao longo deste trabalho vimos que os Xavánte de Etéñitépa passaram por uma severa crise demográfica nas décadas que se seguiram ao contato com a sociedade nacional brasileira, nos anos 1940. A crise foi resultado de níveis mais elevados de mortalidade, devido tanto às epidemias de doenças infecciosas como à violência, e de uma queda da fecundidade. Combinados, estes fatores ameaçaram, durante a década de 60, a sobrevivência biológica do grupo. A partir dos anos 70 decresceu a mortalidade, e a população iniciou um período de rápido crescimento.

A crise demográfica Xavánte pode não diferir muito daquelas que tiveram lugar em centenas de outros povos indígenas do Novo Mundo desde o século XV, e que resultaram em um colapso demográfico de dimensões continentais (Cook, 1998; Crosby, 1972; Denevan, 1992; Dobyns, 1983; Hemming, 1987; Ribeiro, 1956). A literatura etnológica amazônica é repleta de relatos que descrevem a ocorrência de crises demográficas pós-contato. No entanto, estas crises só foram detalhadamente documentadas, a partir de dados demográficos, em um pequeno número de grupos amazônicos (Adams & Price, 1994; Black et al., 1978; Early & Peters, 1990; Flowers, 1994; Ribeiro, 1956; Werner, 1983). Para muitos deles, amazônicos ou não, a crise foi de tal modo severa que o declínio populacional tornou-se irreversível, resultando em sua extinção biológica.

Procuramos demonstrar que, no caso Xavánte, a crise demográfica foi influenciada não somente por fatores externos, mas também por aspectos ligados à organização social do grupo. Durante o período de epidemias, acusações de feitiçaria tornaram-se mais freqüentes, exacerbando disputas intra-grupais. Evidências etnográficas, assim como dados demográficos, mostram que a violência atingiu principalmente os homens das facções politicamente mais fracas. O exemplo Xavánte demonstra que, embora as crises demográficas têm sido uma experiência quase universal na história dos povos indígenas, seus efeitos podem variar de acordo com características sócio-culturais específicas, particulares à sociedade que experimenta a crise. Adicionalmente, o caso dos Xavánte de Etéñitépa indica que o impacto das epidemias envolve mais que a redução da população, influenciando dinâmicas sociais, como as práticas matrimoniais, mesmo décadas após a crise propriamente dita.

### **Agradecimentos**

A pesquisa foi financiada pela Wenner-Gren Foundation, pela MacArthur Foundation e pela Fundação Oswaldo Cruz. Agradecemos também ao Conselho Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Comissão Fullbright. Os autores são especialmente gratos aos Xavánte, e às mulheres em particular, por sua paciência em responder a todas as suas perguntas.

### **Referências**

- ADAMS, K. & PRICE, D. (eds.). 1994. The Demography of Small-Scale Societies: Case Studies from Lowland South America. *South American Indian Studies*, fascículo especial , no. 4.
- BLACK, F. L.; PINHEIRO, F. L.; OLIVA, O.; HIERHOLZER, W. J.; LEE, R. V.; BRILLER, J. E. & RICHARDS, V. A., 1978. Birth and survival patterns in numerically unstable proto agricultural societies in the Brazilian Amazonia. *Medical Anthropology*, 2:95-127.
- BUCHILLET, D., 1992. Nobody is there to hear: Desana therapeutic lamentations. In: *Portals of Power: Shamanism in South America* (Langdon, E. J. M. & Baer, G., eds.), pp. 211-230, Albuquerque: University of New Mexico Press.
- CHAGNON, N. A., 1983. *Yanomamo: The Fierce People*. 3rd edition, New York: Holt, Rinehart and Winston.
- COIMBRA Jr., C. E. A., 1989. *From Shifting Cultivation to Coffee Farming: The Impact of Change on the Health and Ecology of the Suruí Indians in the Brazilian Amazon*. Ph.D. Dissertation, Bloomington: Indiana University.
- COIMBRA Jr., C. E. A.; FLOWERS, N.M.; SALZANO, F.M. & SANTOS, R.V., 2002. *The Xavánte in Transition: Health, Ecology and Bioanthropology in Central Brazil*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- COOK, N. D., 1998. *Born to Die: Disease and New World Conquest, 1492-1650*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CROCKER, J. C., 1985. *Vital Souls: Bororo Cosmology, Natural Symbolism, and Shamanism*. Tucson: The University of Arizona Press.
- CROCKER, W. & CROCKER, J., 1994. *The Canela: Bonding Through Kinship, Ritual, and Sex*. Fort Worth: Harcourt Brace.

- CROSBY, A. W., 1972. *The Columbian Exchange: Biological and Cultural Consequences of 1492*. Westport: Greenwood Press.
- DENEVAN, W. M. (ed.), 1992. *The Native Populations of the Americas in 1492*. 2nd edition. Madison: University of Wisconsin Press.
- DOBYNS, H. F., 1983. *Their Numbers Become Thinned: Native American Population Dynamics in Eastern North America*. Knoxville: University of Tennessee Press.
- EARLY, J. D. & PETERS, J. F., 1990. *The Population Dynamics of the Mucajai Yanomama*. San Diego: Academic Press.
- EARLY, J. D. & HEADLAND, T. N., 1998. *Population Dynamics of a Philippine Rain Forest People*. Gainesville: University Press of Florida.
- FERGUSON, R. B., 1990. Blood of the Leviathan: Western contact and warfare in Amazonia. *American Ethnologist*, 17:237-257.
- FLOWERS, N. M., 1983. *Forager-Farmers: The Xavante Indians of Central Brazil*. Ph.D. Dissertation, New York: City University of New York.
- GARFIELD, S. W., 2001. *Indigenous Struggle at the Heart of Brazil: State Policy, Frontier Expansion, and the Xavante Indians, 1937-1988*. Durham: Duke University Press.
- GRAHAM, L. R., 1995. *Performing Dreams: Discourses of Immortality Among the Xavante of Central Brazil*. Austin: University of Texas Press.
- HEMMING, J., 1987. *Amazon Frontier: The Defeat of the Brazilian Indians*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HILL, K. & HURTADO, A. M., 1996. *Ache Life History: The Ecology and Demography of a Foraging People*. Hawthorne: Aldine de Gruyter.
- HOWELL, N., 1979. *Demography of the Dobe !Kung*. New York: Academic Press.
- LANGDON, E. J. M., 1992a. Shamanism and anthropology. In: *Portals of Power: Shamanism in South America* (Langdon, E. J. M. & Baer, G., eds.), pp. 1-21, Albuquerque: University of New Mexico Press.
- LANGDON, E. J. M., 1992b. Shamanic power in Siona religion and medicine. In: *Portals of Power: Shamanism in South America* (Langdon, E. J. M. & Baer, G., eds.), pp. 41-61, Albuquerque: University of New Mexico Press.
- LARAIA, R. B., 1963. 'Arranjos poliândricos' na sociedade Suruí. *Revista do Museu Paulista*, 14:71-75.

- LOPES DA SILVA, A., 1992. Dois séculos e meio de história Xavante. In: *História dos Índios no Brasil* (Cunha, M. C., ed.), pp. 357-378, São Paulo: Companhia das Letras.
- MAYBURY-LEWIS, D., 1967. *Akwe-Shavante Society*. Oxford: Clarendon Press.
- MCGRATH, J. W., 1991. Biological impact of social disruption resulting from epidemic disease. *American Journal of Physical Anthropology* 84:407-419.
- NEEL, J. V., 1982. Infectious disease among Amerindians. *Medical Anthropology*, 6:47-55.
- NEEL, J. V.; SALZANO, F. M.; JUNQUEIRA, P. C.; KEITER, P. C. & MAYBURY-LEWIS, D., 1964. Studies on the Xavante Indians of the Brazilian Mato Grosso. *American Journal of Human Genetics*, 16:52-140.
- RIBEIRO, D., 1956. Convívio e contaminação: efeitos dissociativos da depopulação provocada por epidemias em grupos indígenas. *Sociologia*, 18:3-50.
- ROSS, J. B., 1984. Effects of contact on revenge hostilities among the Achuara Jivaro. In: *Warfare, Culture and Environment* (R. B. Ferguson, ed.), pp. 83-109, Orlando: Academic Press.
- SANTOS, R. V. & COIMBRA Jr., C. E. A., 1998. On the (un)natural history of the Tupí-Mondé Indians: Bioanthropology and change in the Brazilian Amazonia. In: *Building a New Biocultural Synthesis: Political-economic Perspectives on Human Biology*. (Goodman, A. H. & Leatherman, T., eds.), pp. 269-294, Ann Arbor: University of Michigan Press.
- SANTOS, R. V.; FLOWERS, N. M.; COIMBRA Jr., C. E. A. & GUGELMIN, S. A., 1997. Tapirs, tractors and tapes: The changing ecology and economy of the Xavante Indians from Central Brazil. *Human Ecology*, 25:545-566.
- SEEGER, A., 1981. *Nature and Society in Central Brazil: The Suyá Indians of Mato Grosso*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- WAGLEY, C., 1951. Cultural influences on population: A comparison of two Tupí tribes. *Revista do Museu Paulista*, 5:95-104.
- WAGLEY, C., 1977. *Welcome of Tears: The Tapirapé Indians of Central Brazil*. New York: Oxford University Press.
- WERNER, D.W., 1983. Fertility and pacification among the Mekranoti of Central Brazil. *Human Ecology*, 11:227-245.

WOOD, J. W., 1990. Fertility in anthropological populations. *Annual Review of Anthropology*, 19:211-242.